

32 instruções para escutar (n)a pandemia

BÉRRO

32 instruções para escutar (n)a pandemia

Participação: Ale Fenerich, Bella, Camila Proto, Fernando Iazzetta, Flora Holderbaum, Floriano Romano, Gabriela Mureb, Gustavo Torres, Inés Terra, Julia Teles, Laura Leiner, Laura Mello, Lilian Campesato, Lilian Nakao Nakahodo, Marcelo Armani, Marco Scarassatti, Mariana Carvalho, Paulo Dantas, Paola Ribeiro, Pontogor, Raquel Stolf, Romulo Alexis, Ricardo Basbaum, Sérgio Abdalla, Tânia Neiva, Tati Cocteau, Thessia Machado, Thiago R., Tom Nóbrega, Valéria Bonafé, Valério Fiel da Costa, Vanessa De Michelis, Yuri Bruscky.

Produção: Rui Chaves, Fernando Iazzetta

Curadoria: Rui Chaves, Fernando Iazzetta

<http://berro.eca.usp.br/>

Processo CNPQ 309143/2018-7

BRR O09 (2021)

BERRO

nusom
NÚCLEO DE
PESQUISAS EM
SONOLOGIA

 **CNPq**
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



PPGAV
PROGRAMA ASSOCIADO
DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS UFPB/UFPE

Rasga as instruções

Abre a tua janela

Escuta o voo

1. *Desjejum*
Mariana Carvalho

.pare.

.separe o tempo e lugar que julgar necessários.

.escolha uma voz para abocanhar.

.prepare um dispositivo que possa reproduzir a voz, com um alto-falante pequeno que caiba dentro ou na entrada de sua boca (um telefone celular, por exemplo).

.encontre uma maneira de tapar os ouvidos, bloqueando os sons externos (protetores anti-ruído, mãos...).

.encontre uma posição confortável que te permita tapar os ouvidos e posicionar o falante na boca ao mesmo tempo.

.concentre-se em seu interior.

DESJEJUM

.se quiser, aperte *play*.

.perceba o que acontece.

.sinta sua garganta vibrar como se essa voz viesse de você.

(coma quantas vozes quiser; de pessoas, animais, plantas,
pedras, coisas, misturas etc)

(escolha vozes a qualquer distância espacial ou temporal, sonoras ou não
(todos os passos e materiais descritos são prescindíveis)

2. SOU TODA OUVIDOS (versão 8)

Raquel Stolf

SOU TODA OUVIDOS

Escuto gratuitamente silêncios impossíveis, ex-possíveis e incompossíveis, por telefone e/ou mensagem. 48-984334419

3. Envios

Lílian Campesato & Valéria Bonafé

Um vírus é um micro agente situado no limite entre o vivo e o não-vivo. Ele difere dos outros seres vivos porque não possui estrutura celular nem metabolismo próprio e depende de um hospedeiro para sobreviver e se reproduzir. Em 2020 um clima sinistro tomou o planeta. Isolamento, máscaras, assepsia extrema. Tempos de acentuada separação dos corpos. Evitar o compartilhamento do mesmo ar, das mesmas superfícies. Perda de contato com outras peles, esterilização do sentido tátil.

Mas o ouvido também é tátil. A voz do outro vem pelo ar, toca meu tímpano - essa membrana de pele muito fina que vibra e reage. Escuta é transmissão e é contato. Ela precisa de um hospedeiro e é só nele que ela sobrevive, ressoa. Escuta-vírus.

rudimentos

um envio é qualquer tipo de produção artística especialmente criada e endereçada a alguém

a troca de envios constitui uma conversa de natureza artística

um agente é alguém que queira participar desta conversa

dinâmica da conversa

agente A cria um envio e o entrega para agente B, dando início à conversa

após receber o envio, agente B cria um novo envio e o entrega para agente A, movendo o processo adiante

a operação é repetida enquanto houver desejo de seguir a conversa

{mais do que uma dinâmica linear de pergunta-resposta, a proposta é compor gradativamente uma nuvem de envios que funcione como um campo virtual das memórias e das experiências acumuladas ao longo da conversa, e pela qual pode-se navegar livremente}

ética da conversa

agir com liberdade a partir do envio recebido, dando continuidade ou promovendo quebras de fluxo na conversa, porém sempre buscando sustentar a relação entre a escuta do envio recebido e o processo de criação do novo envio

sugestões para compartilhar escutas

não barrar as ideias, não bloquear os impulsos, não interromper os fluxos, não se ater a questões técnicas limitantes

se abrir à vulnerabilidade, desobstruindo o acesso às fragilidades

dar passagem ao indizível e ao inaudível

não atropelar o tempo

The image features a large, stylized watermark or logo. The word "GRITA" is repeated four times vertically along the left edge. Each "GRITA" is rendered in a bold, black, sans-serif font. A thick, black diagonal line runs from the top-left corner towards the bottom-right corner, crossing all four instances of "GRITA". The background of the image is a light beige color.

4.

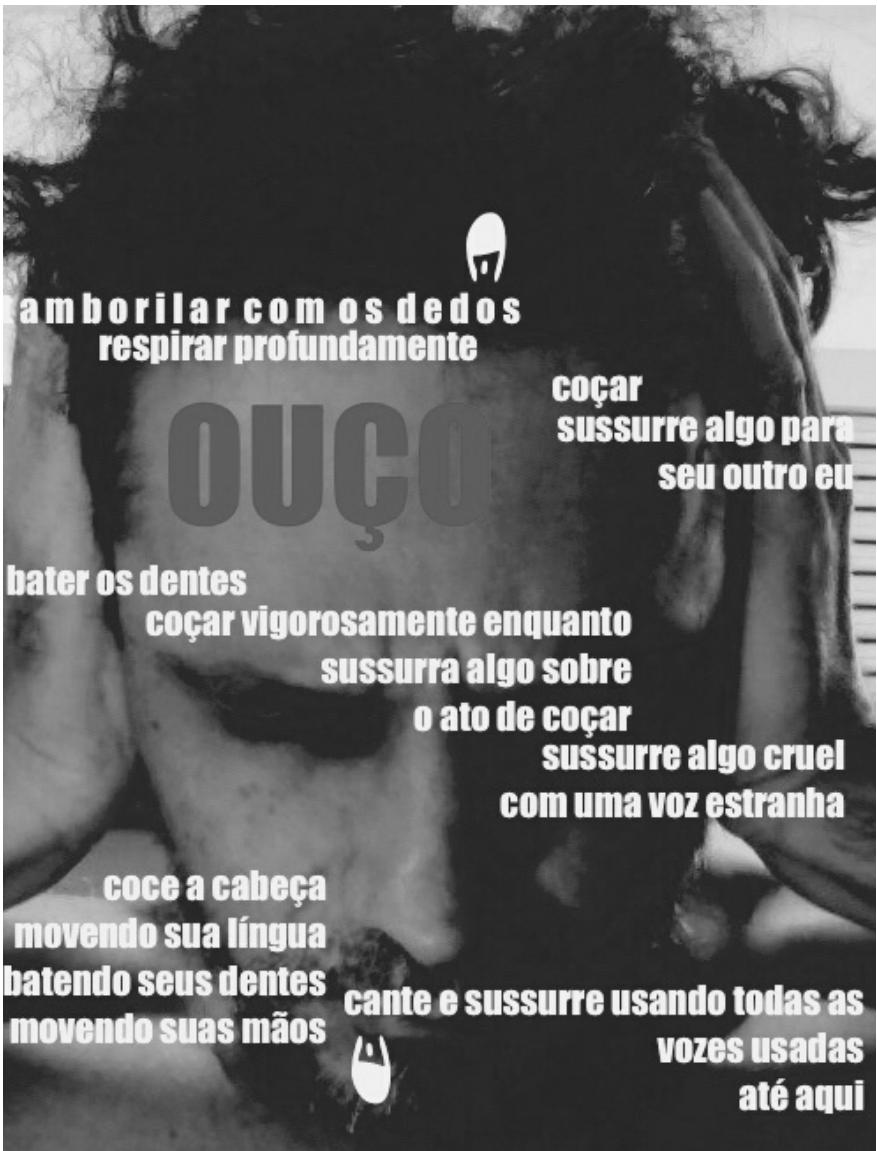
Ale Fenerich

Escutar com máxima
concentração as
porosidades da pedra
e as lâminas
cortantes do sol

5. I You
Flora Holderbaum



6. ouvidos tampados
Valério Fiel da Costa



amborilar com os dedos
respirar profundamente

OUÇO

bater os dentes

coçar vigorosamente enquanto

sussurra algo sobre

o ato de coçar

sussurre algo cruel

com uma voz estranha

coce a cabeça
movendo sua língua
batendo seus dentes
movendo suas mãos

cante e sussurre usando todas as
vozes usadas
até aqui

7. Mirem neles

Bella

8.4 instruções

Julia Teles

1. portas, portais

ande pelos ambientes do espaço onde você vive.
cada vez que passar por um batente de porta,
feche os olhos e escute atentamente a passagem

2. buscando sons

existe algum som na sua casa que te conforta?
existe algum som de outro ambiente que você sente falta?
você consegue lembrar da voz das pessoas de quem você tem
saudade?

3. imitações

imita um som de dentro (de algum aparelho ou objeto da sua casa)
imita um som de fora (de seu ambiente)
imita um som imaginado

4. repouso

feche as janelas, as portas, desligue os aparelhos,
não pense em sons
deixe o tempo passar

9. texto para vocalização
Ricardo Basbaum

quatro vozes -

ler cada refrão em um local diferente, junto ao público:

“linha orgânica como matriz conceitual”

“vírus de grupo, transversalidade, agente de variação”

“novas bases para a personalidade”

“você gostaria...?”

“você poderá fazer o que quiser com...”

“membranosa-entre”

“experiência artística como experiência an-artística”

“oh! ... ah! ...”

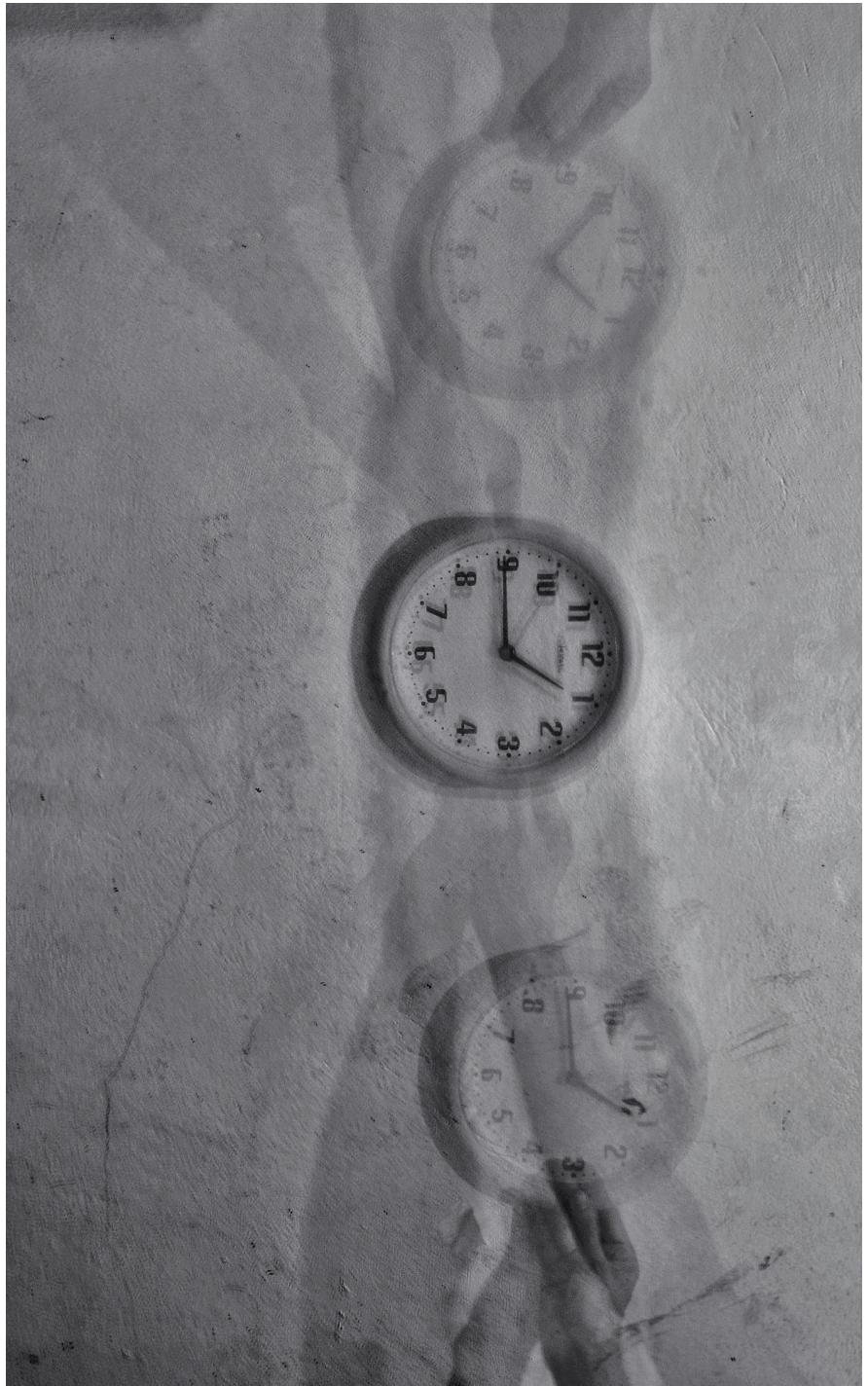
“superpronome: euvocê, vocêu”

“canções de amor, exercício de memória, forma
específica”

“person-specific vs. site-specific”

“ensaio-ficção, trauma, dinâmica de grupo”

10.
Marcelo Armani



Em carne

o

Outro

11. Pouco Caso
Sergio Abdalla

eu poderia te dizer o que **fazer**,
mas você não faria,
de qualquer maneira.

então vou dizer o que eu fiz: *fiquei deliberadamente surdo de um ouvido para, finalmente, poder ouvir só o que eu quiser.*

quando necessário, deito do lado certo, e não ouço mais **nada**.

o gesto imoral, não se prestar,
é técnica.

Seja técnico

(ou não - agora, confesse, você já não me escuta mais, mesmo).

*12. Partitura radiográfica para sobreviver a um
ano em luxação*

Lilian Nakao Nakahodo

[Lento]

meditar alterações degenerativas

.

.

ao sinal de desgaste, assobiar

.

gritar conforme grau de erosão
rir conforme grau de desvio

[fermata]

ecoar nos espaços de articulações
pausar nas fissuras emocionais

.

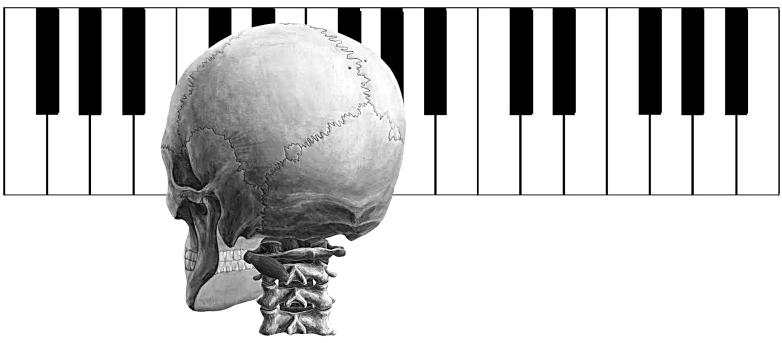
.

[presto]

ligamentos devem ser repercutidos
fraturas, expostas sem dó

[da capo, quantas vezes quiser]

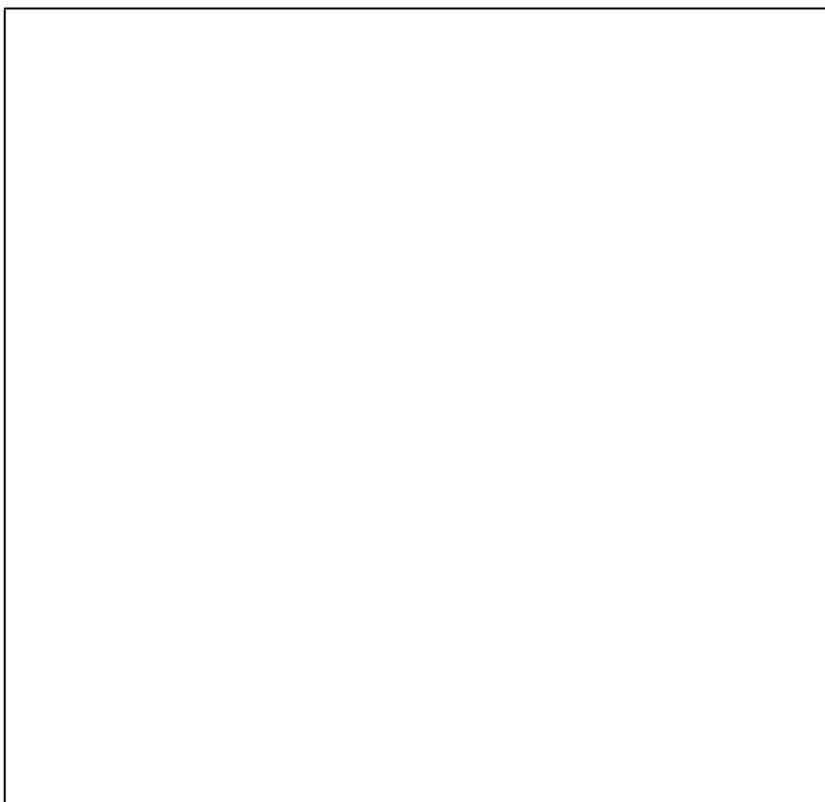
13. Dor
Gustavo Torres



14. Sirene
Tom Nóbrega

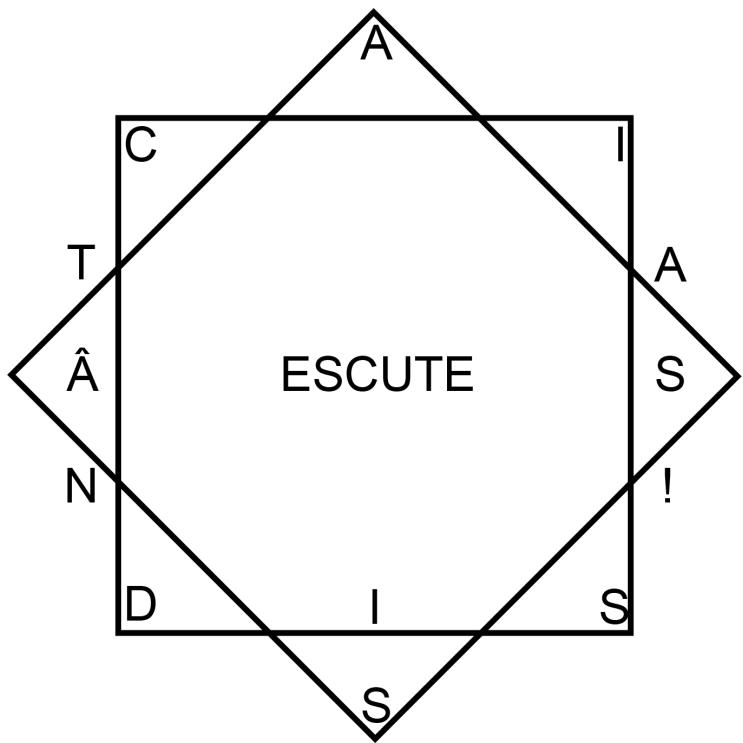
a sirene faminta te afoga / te cansa / te aplaina /
/ anula passado e futuro em nome do ruído das pedras
que sísifo carrega / pra baixo / pra cima / dia após
noite / despencando enquanto a gente adormece / a
arquibancada se esforça para não escutar a sirene aguda
que tudo engole / pano de fundo estirado a partir do qual
o cenário todo emerge / rotunda infinita / ciclorama /
para continuar a comer / dormir/ trabalhar durante a
sirene é preciso desenvolver uma espécie peculiar de
amnésia / entupir de cera os ouvidos / como quando
subimos a serra / mastigando alguma coisa para
destravar os maxilares/ o efeito colateral dos ouvidos
tapados / é que outros sons ficam em segundo
plano/ engasgados / minutos a esmo / circulando
por entre os canos/ avalanche de bolas de gude que
se acumula dentro de um encanamento/ os ouvidos
de cera embaçam a vidraça dos olhos / demandam
repetidos movimentos de vai e vem / dentro e
fora / abre e fecha / para desanuviar o pára-brisa /
um sinal de alarme serve para nos tirar da zona de
conforto / interrompe o cotidiano / abre passagem
para uma ambulância ou carro de bombeiros /
faz com que a gente saia correndo / prédio afora /
supermercado afora / governo afora/ civilização afora/
acontece que uma sirene constante deixa de ser
sobressalto e emergência/ passa a ser ruído branco/
previsível e insuportável / paisagem entorpecente/
lembra daquele o apito agudo e contínuo que tocava
antes dos filmes em vídeo cassete?/ por trás das
barras coloridas? / no tempo em que as máquinas
ainda eram analógicas? / os apitos nos exaurem antes
que do filme começar / ressaltam as cores anônimias
e gritantes por trás de qualquer enredo/ sono/ fome/
afeto/ sobrevivência/ anseio / morte/ comida/ as
barras coloridas funcionam como um oráculo que
projeta nossos circuitos internos / amarelo / ciano
/ verde / magenta / vermelho / azul / lorem ipsum /

A união?



Desenhe um mapa.

15. Diagrama lhouvido
Thiago R.



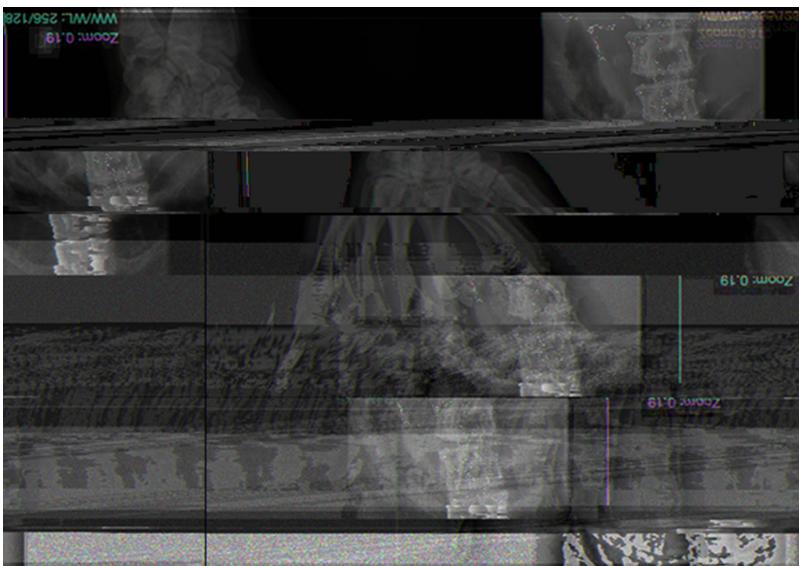
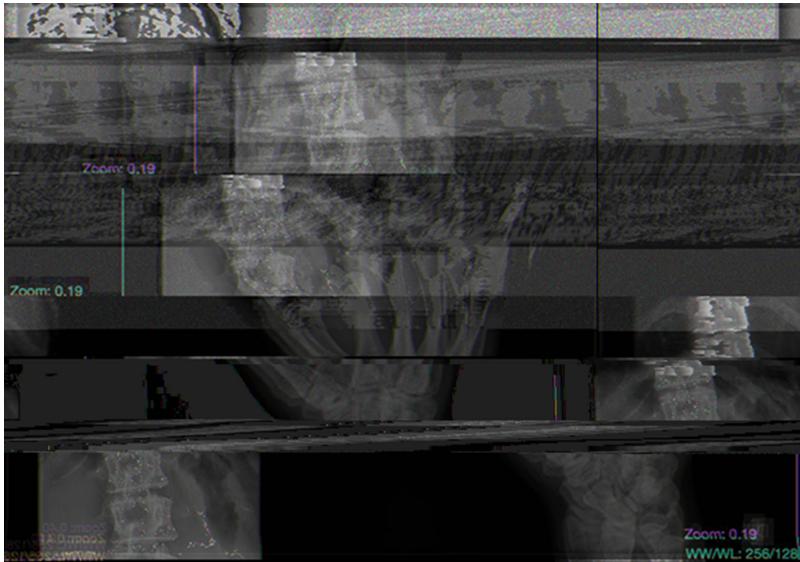
16. Instruções para escutar a pandemia
Floriano Romano

- 1)** se você estiver em casa e não puder sair nesse momento abra a janela e observe os prédios ou casas que estão na sua mirada.
- 2)** concentre-se em perceber as paredes e muros que impedem sua visão da paisagem, são limites feitos de concreto, madeira ou tijolos
- 3)** sejam ásperos, coloridos ou texturizados, esses limites podem ser transformados em uma imagem sonora na sua mente.
- 4)** feche os olhos, imagine que as paredes que limitam seu campo visual podem ser transformadas em algo imaterial. Crie uma imagem sonora que atravesse no seu pensamento esses limites e vislumbre a cidade sem eles.
- 5)** imagine que a cidade toda é um gigantesco fluxo sonoro no espaço, embora invisível ele está lá.
- 6)** escute os sons da sua cidade.

- =====
- 1)** se você precisar ir a rua nesse momento aproveite o passeio e crie seu mapa afetivo da cidade caminhando por locais que lhe trazem lembranças.
- 2)** no caminho ao cruzar com uma construção que lhe impressiona imagine a memória dessa construção e ao passar por locais que não lhe agradam imagine uma praça pública nesses locais.
- 3)** desenhe o mapa que construiu na sua caminhada e pense nele como um lugar especial que pode ser compartilhado com os outros cidadãos.
- 4)** lembre-se que em qualquer situação sempre existirão construções que refletem sua memória e praças onde você pode unir-se a outras pessoas em sua imaginação.

=====

17. Fraturas note
Tati Cocteau



18.

Thessia Machado

Settle your lust

19. Suspensão pura
Tânia Neiva

Escuta. Escuta.
É um alerta.
Um silêncio denso que chama
para ação.
Escuta. Escuta.
Tá chegando no chão.
Empurra. Empurra.
Suspende o céu.
Escuta o som.
Ele tá aqui. Sempre esteve.
Não o deixa extinguir
Escuta. Empurra. Suspende.
O céu ainda não vai cair



20. Leituras nos limites
Paulo Dantas

Alcancei os limites da cidade e li¹

*

Ao alcançar o limite, leia²

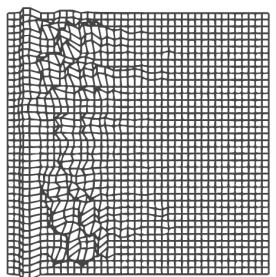
¹A ideia por trás das Leituras nos limites da cidade surgiu flutuando no ruído de Bruxelas, entre Julho e Agosto de 2018. Lá, buscava no isolamento a necessária solidão.

²Desde novembro de 2020, realizo algumas leituras diante do meu celular, por vezes a máxima fronteira. Aqui, busco compartilhar o isolamento com quem esteja do outro lado

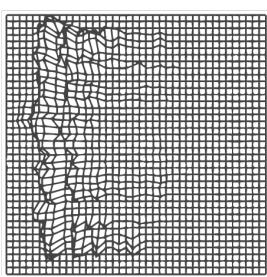
21. Rumores e arredores
Marco Scarassatti

Espio a escuta. Sinto a percussão incessante da água na minha cabeça. Pressão, calor e vapor. As gotículas que se desprendem na batida são atiradas no entorno do corpo e caem flutuantes na nuvem quente e úmida até encontrarem o chão, se adensam e escorrem pelo ralo. Um contínuo. Inclino a cabeça levemente à esquerda e meu ouvido direito fica descoberto. Um anti-estampido silencia brevemente a minha audição e com ela se alterna em um intervalo rítmico, toda vez que a água resvala no ramo da hélice, se acumula da concha, escorre pelo antitrago e escapa da orelha. Essa sensação me faz movimentar a cabeça pro lado oposto. Refago o movimento com a orelha esquerda. Danço com a cabeça, brinco com o efeito estereofônico, tátil ritmico. Umidade, pressão, vapor e calor. Me viro, e com a mão direita tateio a parede até encontrar o registro hidráulico, fecho devagar pra me manter perceptivo ao toque da água que aos poucos, ralenta e diminui a intensidade. Muda a sensação de permanência percussiva para um alternar de toques no couro cabeludo, até virar pingos esporádicos. Abro os olhos, pego a toalha, abro a porta do box e do banheiro. Piso no assoalho, que range e como de assalto sou atingido pela zoeira de um carro de som, que percorre, em diferentes estratos, à frente do prédio onde moro. Me atento ao anasalado falante: "10 reais você leva uma cartela de pyos gráduos. Temos laranja pera, laranja lima de casca fina. Aceitamos cartões de crédito e cartão de débito". O grito em crá-crá-crá de um bando de maritacas atravessa, corta e recorta o céu, indo e voltando no espaço, sempre num jogo de ataque acentuado e repetições em queda. Eventualmente também fazem movimento de modo contrário, ascende e ataca. Enquanto me distraio, já percebo o carro de som em outro lugar. Depois de percorrer as ruas transitáveis do Aglomerado da Serra, pegou a rua lateral ao meu edifício e deslocou minha atenção para a parte de trás da morada. Naquele lugar de onde seu som partiu, agora passa um ônibus. Um murmurio advém do morro, como uma onda. A zoadia da serra tico-tico se sobressai como se o som metálico de sua lâmina, fora dela própria a cortar o rumor que se movimenta no ar. Alguns latidos também irrompem do murmurio, assim como os gritos brincantes de crianças. A escuta se torna difusa. Soma-se a isso as reflexões como pequenos ecos que pairam no ar. Os dias transcorrem. Ouço e interajo com os sons de dentro da casa, com as vidas que habitam nela. Frequentemente visto os fones de ouvido e ausculto, por horas a janela de um mundo remoto. As paredes embora insensíveis, são como uma pele de proteção ao invisível Ikú que vagueia pelas ruas à procura de quem levar consigo. Procuro não fazer barulho, procuro não fazer alarde, para não chamar a sua atenção. Dentro da rigidez dessa pele dura, habitamos. Os dias transcorrem. Eu espio através das paredes, entre rumores e arredores. Algo provoca uma disjunção no tempo. Um alarde, um bramido, um estalo. Um boato, um chiado, um suspiro. Um rumor, um estrondo ou mesmo o murmurio constante do ambiente. O tempo e o espaço como um folheado sincrônico é perfurado e atravessado por uma flecha, que vibra quando acerta um ponto qualquer da minha memória. Por conseguinte, e simpaticamente, também vibro. Sou atravessado também e atirado para esse outro lugar. Me sento na sala. Há um silêncio súbito com o início da madrugada, só escuto ruído do motor, quase regular da geladeira que percorre e se acomoda em quase todo o apartamento. Ouço também um zumbido agudo, extremamente agudo, que não sei se está no ambiente, ou dentro da minha cabeça, mas ele não é intermitente ou eletromecânico como o grave da geladeira. É uma moldura obstinada como a frequência de um reator de lâmpada fluorescente. A geladeira cessa, muda de ciclo, silencia. Percebo o tiquetaquear do relógio e os estalos dos móveis. Um plec acentua a cena, vem da entrada do meu apartamento. Pela fresta embaixo da porta, percebo o pisca-pisca que acompanha o acender da luz da escada. O sensor da lâmpada provoca o disparo. Na calada da noite esses eventos encadeados me embalam. Uma sensação de presença me acalenta. É o canto do Ibá Huni Kuin, no dia em que experimentei a Ayahuasca. A miração não vinha, mesmo com o canto-chamado, xamânico. Depois de um tempo de espera inclinei meu rosto e o segurei com as mãos. Sem me dar conta do que houvera, meu corpo vibrava o ambiente que se tornara denso e constrito, tomado por deslocamentos de uma pressão pontualmente advinda de cada frequência presentes naquele recinto. Imóvel, percebia o movimento de uma onda em propagação radial, ao longe e perto também. Sentia o toque de cada uma dessas freqüências. Com dificuldade levantei a cabeça, abri os olhos e era como se estivesse dentro de uma cobra translúcida, sem corpo físico. Eu estava ali dentro, não como alimento ou presa. Ali eu habitava e via o mundo através da sua pele. A luz de fora ultrapassava as suas escamas e se tornava difusa como os faróis em um nevoeiro. Os sons me tocavam como agulhas não perfurantes, cada um em uma parte do meu corpo. Elas não me feriam, era como se a pele da serpente se dobrasse a cada som irradiado e essa dobra me alcançava, mas também me protegia. Era tátil a escuta. A velocidade e intensidade do toque aumentavam, já não sentia a presença e o canto Huni Kuin. A cobra já não me envolvia. As agulhadas se concentravam tão somente no alto do meu corpo. Espio a escuta. Sinto a percussão incessante da água na minha cabeça. Pressão, calor e vapor. As gotículas que se desprendem na batida, são atiradas no entorno do corpo e caem flutuantes na nuvem quente e úmida até encontrarem o chão, se adensam e escorrem pelo ralo. Um contínuo.

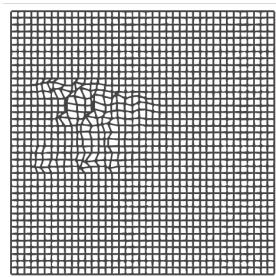
*22. As circunstâncias soam muito pior do que
aparentam (diários da pandemia, 2021)*
Yuri Bruscky



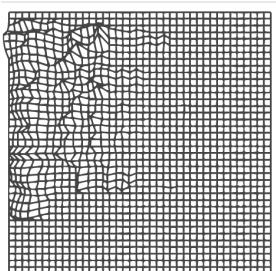
10.03.20



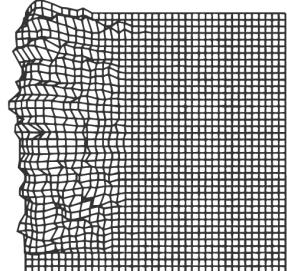
20.03.20



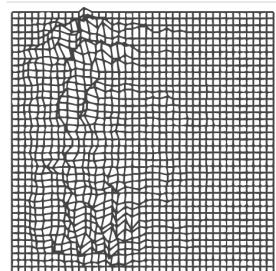
26.03.20



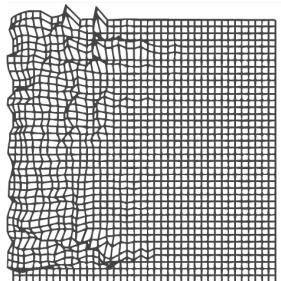
29.03.20



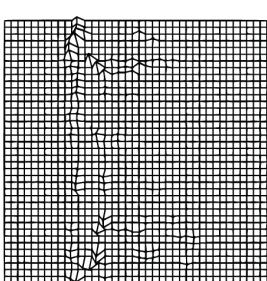
02.04.20



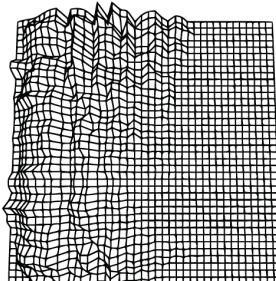
20.04.20



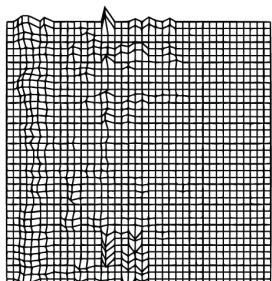
28.04.20



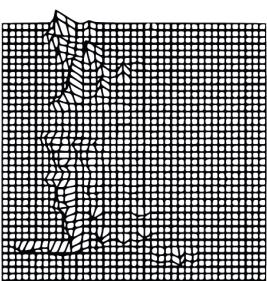
10.11.20



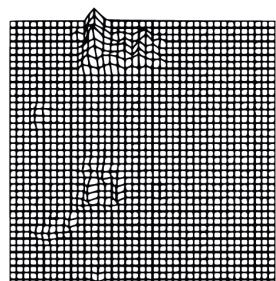
27.01.21



04.03.21



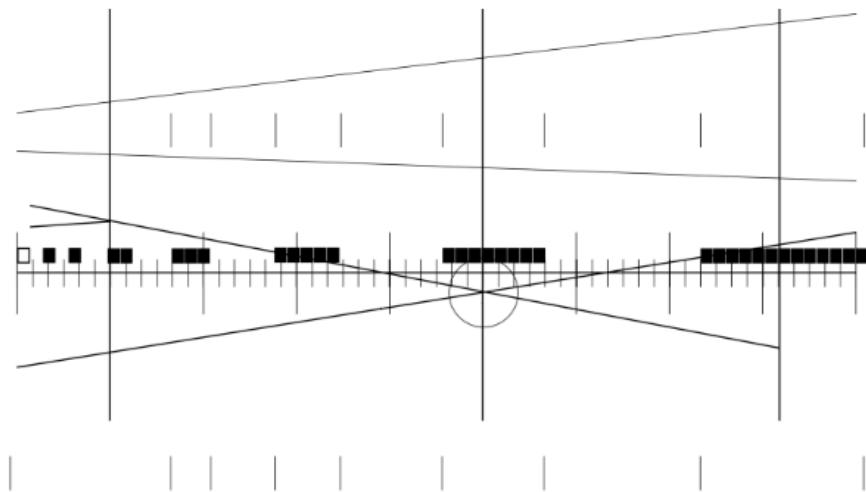
05.03.21



06.05.21

23. The sun is falling down
Pontogor

THE SUN IS FALLING DOWN



FLECTERE SI NEQUEO SUPEROS ACHERONTA MOVEBO

24. Zonas de escuta
Camila Proto

“Se ouvia o murmurijo da onda, só.” (Macunaíma, Mário de Andrade, 1928, pg. 53)

Este é um convite para um jogo de sobreposições, ouvidos e sonares, entre a palavra, o som e o espaço. Ouvir o texto como se sussurrasse e, no segredo do que ali ecoa, inventar novos territórios possíveis. Estas zonas de escuta, que se apresentam nos mais diversos escritos literários, podem ser experimentadas a partir de práticas variadas. As palavras-chave servem como guias para um inventário próprio dos sons a serem percebidos durante a leitura; já os métodos de experimentação surgem como modos para pôr-se de encontro com este trânsito entre linguagens. Escutar o livro para se transportar e, estando lá, poder ressoar fronteiras borradadas e movediças, entre o cá e o lá, para um outro perceber do tempo.

**som | soar | escuta | ouvido | sussurro | barulho | estrondo | ruído | rumor |
murmuro | grito | bulício | voz | ouvir | ouviu | sonar | tinido | timbre | tom |
música | canção | estampido | burburinho | ...**

(primeiro contato) Abra um livro qualquer. Procure aleatoriamente por palavras-chave e, ao encontrar, detenha-se na frase. Leia a passagem em voz alta e, em seguida, feche os olhos. Ecoe o som mentalmente, imaginando a escuta, para adentrar aquela zona sonora. Perceba-se dentro da zona, em relação com ela. Abra os olhos e repita a ação ininterruptamente até sentir a necessidade de silêncio.

(prática dilatada) Passe a observar as intenções de escuta e movimentos sonoros em textos lidos. O convite aqui é o de tornar natural ater-se às palavras-chave que aparecem sem procura, dando início a uma nova relação para com a leitura e também para com os espaços sonicos que vão se apresentando ao longo das narrativas.

(práticas de sampleamento) Inventar zonas de escuta. Reunir, separar, deslocar: criar fatores de recorte e combinação de passagens de escuta, entre narrativas estranhas, de lugares distintos, a partir dos sons que delatam histórias, passados, ações, estilos, tendências, de um espaço, um aglomerado de pessoas, um país. Desenhar no solo - que tal um mapa? - o alcance vibratório e, assim, delimitar fronteiras, passíveis de enfrentamento. Estas linhas devem ser sempre móveis, penetradas incessantemente pelos sons que compõem os novos territórios.

(práticas de intersecção) A voz que reproduz o som-escrito não é uma imitação e sim algo que ali se produz entre as cordas vocais, a pronúncia, a forma e o significado. Como soa o murmurijo da onda, só? O enunciado já é outro som, corpo-eco que se faz no mundo. Tentar, por fim, traduzir o enunciado em outra palavra, para uma zona de intersecção entre o legível e o dizível.

25. Esboço para reunião digital - cena X
Laura Mello

Explore distâncias
até a câmera

TEXTO TEXTO
TEXTO TEXTO

Pense em
voz alta

Conte até infinito
em voz alta

Brinque com
luzes

Investigue como
nariz os cantos
desta janela

26.

Laura Leiner



caminhe até a beira de um rio, riacho, água corrente.
certifique-se que não tem ninguém ao seu redor, que você está
relativamente só, mesmo se em meio à cidade.
encontre sua sombra na água. observe a correnteza ou perceba para
que lado a água corre.
deixe o rio passar.

27. RESPIRE
Paola Ribeiro



28. Fig. 1
Gabriela Mureb

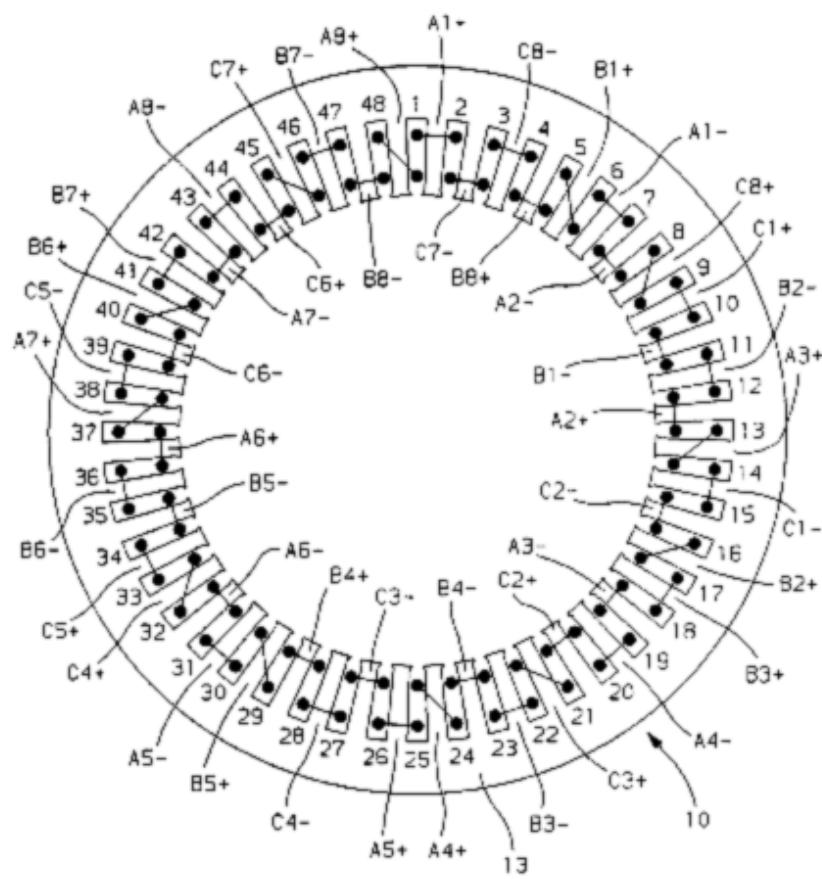


FIG. 1

29. Divertimento n^o6

Romulo Alexis

divertimento nº 6
Romulo Alexis

704 Hertz

Play Stop Save
Volume
Sine □ Sawtooth □ Triangle □

395 Hertz

Play Stop Save
Volume
Sine □ Sawtooth □ Triangle □

Insert/Insira os hertz

395 = A 440
594 = D 440
495 = B 440
704 = F 440

**accesse
<https://onlinetonegenerator.com/>**

495 Hertz

Play Stop Save
Volume
Sawtooth □ Sine □ Square □ Triangle □

594 Hertz

Play Stop Save
Volume
Sawtooth □ Sine □ Square □ Triangle □

USE

your breathing
ear + voice
abdomen
pelvic floor
and play with your impedances

sua
respiração
ouvido + voz
abdômen
assواله pélvico
e brinque com suas
impedâncias

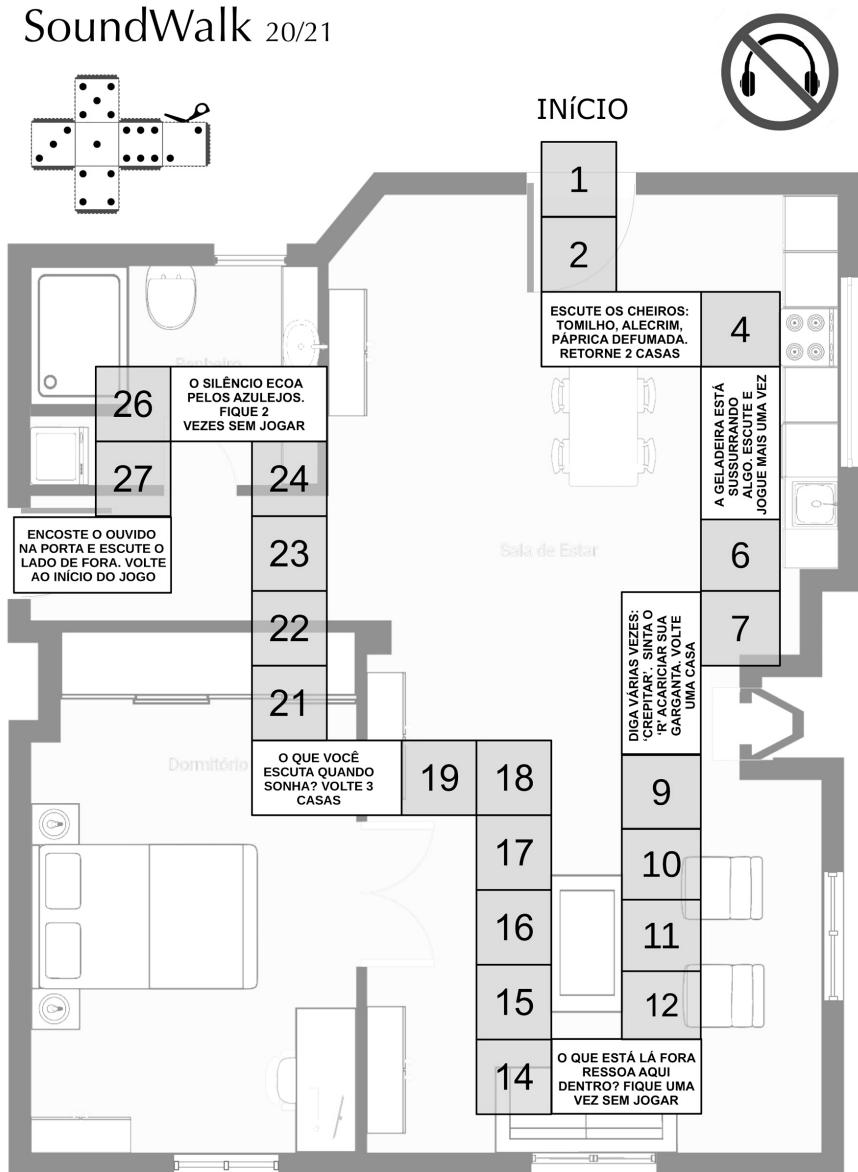
2021

30. Journal Brasilis v.2
Vanessa De Michelis

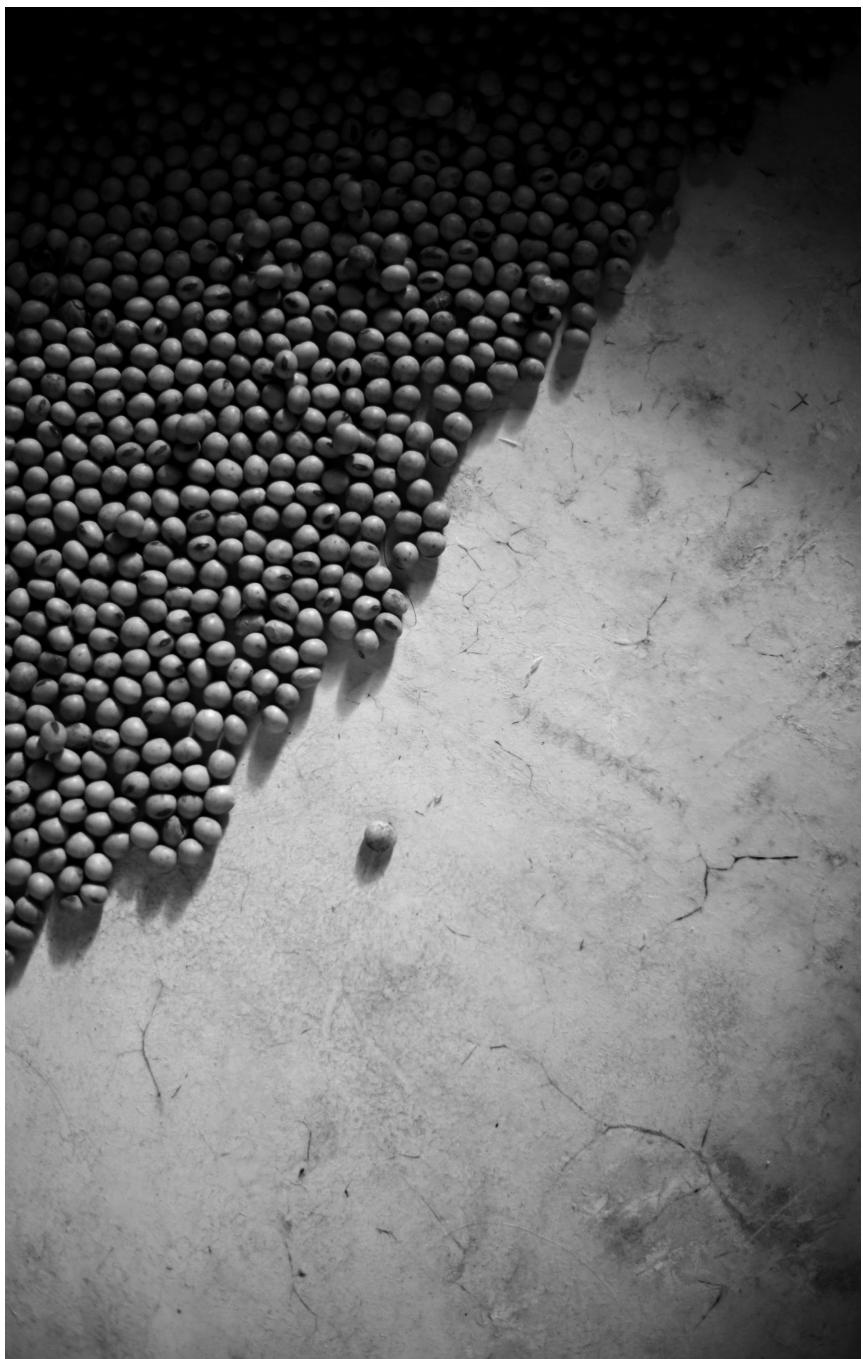


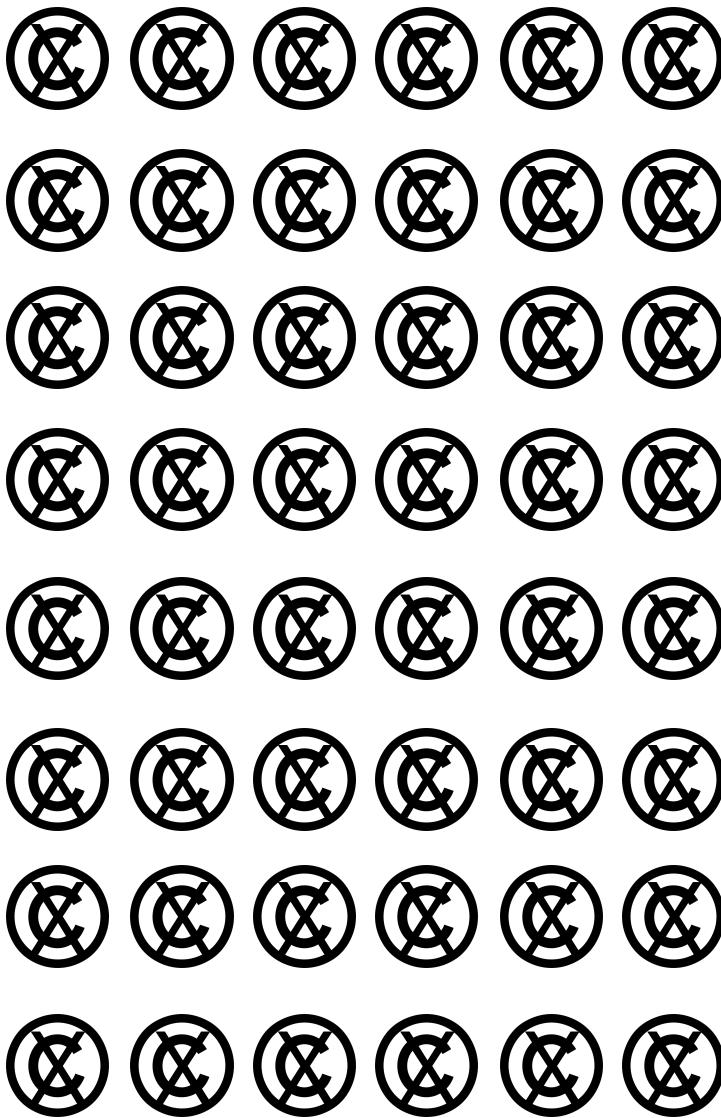
31. SoundWalk
Fernando Iazzetta

SoundWalk 20/21



32.
Inés Terra





**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

32 instruções para escutar (n)a pandemia /
editores Rui Chaves , Fernando Iazzetta. --
São Paulo : Berro, 2021.

ISBN 978-65-00-29183-4

1. Artes 2. Música I. Chaves, Rui.
II. Iazzetta, Fernando.

21-77801

CDD-708.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte brasileira 708.981

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



